

BARCELLOS, 18 de setembro de 1898

Anno VII

Typographia Barcellense

Editor: José F. de Silva

A Lagrima

Numero 7

Redacção: Barjona de Freitas

QUINZENARIO ILLUSTRADO

AMIGO SOUCASAUX:

Perguntas-me se não será uma asneira prolongar por mais tempo o silencio a que a «Lagrima» foi condemnada pela recente lei que obriga a nova habilitação os jornaes portu-guezes!

que preciosas são, pois teem muito do espirito de homens que sabiam sentir e sabiam escrever, e muitissimo do teu proprio espirito? A mim dava-me o somno ás vezes, porque sabia já de cór os versos que me recitavas, de «Lagrima» em punho, pela sexta ou setima vez; a ti não te chegava somno algum, e era



Admirar-me-la já a pergunta se ella me houvesse sido feita por qualquer pessoa que não fosses tu; mas feita por ti muito mais me admira. A «Lagrima» é tua filha, empregaste com ella cui lados e esforços que talvez recusasses ao teu socêgo, acompanhou-te durante as horas mais entusiastas de uma mocidade laboriosa e alegre, dèste lhe da tua vida, do teu suor, do teu proprio pão talvez...

Não te lembras de que me lêste já, um por um, todos os numeros das collecções passadas, que tu guardas como umas coisas preciosas, e

sempre com um profundo amor antigo que tu puchavas de entre os livros da tua estante o livrinho encaernado de uma serie de «Lagrimas» passadas. Compreendi perfeitamente que a «Lagrima» fazia parte da tua familia; e foi talvez n'este sentido que, muitas vezes, depois de um cumprimento de abraço, eu te perguntava: — e tua mãe como va? e a pequena, a pequena? — A pequena, tu bem sabias quem ella era. Era a «Lagrima». Os nossos pensamentos encontravam-se, porque eu tambem gostava da gôrda.

A LAGRIMA

A gente gosta sempre de quem a diverte.

Eu aboinho tenazmente esse jornal que, depois do jantar, me entra pesadamente pela porta dentro, pansulo, de casaca e liva, penteado pelo ultimo figurino ministerial, e, enquanto eu principio a desgastar o bólo, me dá zarabandas formidaveis em todos os chefes do partido contrario, me conta varias pêtas de politica externa e me põe, n'uma interminavel columna de algarismos romanos, as ultimas contas da roubalheira portugueza, afôra umas massadoras correspondencias da provincia.

A vida tem jî, no peso lo encargo das subsistencias e nos extremos cuidados do futuro, bastantes motivos de canceira e lucia. Posto isto, estar a gente a jantar e vir pela porta dentro um jornal, seriamen e composto, pesado e grave, ferindo golpes de ferrabraz partidario, e acriando-nos, n'um repelião, com enormes arrobas de sciencia financeira, para cima da paciencia, azabanbandô-nos, chatmandô-nos ao pégo das coisas tristes e sérias, ... é da gente agarrar no praô dos bolinhos, se os tem, ou na facia do melão, e pregar-lhe com tu lo nas ventas.

Palavrã d'honra.

Não pôde ser. A «Lagrima», não ha-de fazer a calaria lei. E' preciso que appareça, para bem da tua saude e para bem dos seus numerosos amigos. Um jornal d'esses, traquina e alegre, divertido, honroso, que não fere ninguém, e que faz esquecer muita coisa triste, é tão necessario como uma chavena de café depois do jantar. Bem massada anda a gente com a lvogalo de doutores e alfaiates e quinquiherias... e, jî que tudo isto na terra é um crematorio de esperanças e de ideias, não deixemos ao menos de amparar essas creaturas alegres que, como a «Lagrima» nos dão alguns momentos de prazer.

E a «Lagrima» é assim. Diz coisas alegres e diz coisas sérias; mas sempre a rir. O seu proprio nome d' baptismo já desperta em nós uma ilcã de ironia fina. «Lagrima»!

E' certo que a lagrima é uma expressã objectiva de alguma coisa dolorosa; tolvã a gente tambem chora com riso. O teu jornal pertence a esta classe de creaturas que nos fazem esquecer; e esquecer é um grande bem, o melhor, indubitavelmente, com que Deus dotou a natureza humana.

Por exemplo:—Eu ando atrapalhado com uma coata a pagar ao sr. juiz da comarca de Barcellos, emolumentos ou calamidade parecida; estou a jantar e estou pensabundo. Vou a metter á boeca a ultima garfada de um arroz que me custou algum suor da cara e já me preparo para mandar atraz da garfada do arroz um gole do verde, quando me rompe pela porta da sala dentro uma traquina estouvada,

os bracinhos brancos ao léo, arremangada, descalça; olha para mim e vira-se a rir. E' a «Lagrima». Eu, com a idia do juiz na cabeça, concibo dar-lhe uma descompostura e mandal-a passear. Quero pensar na minha vida. Tenho mesmo ali deante de mim uma carta em que o escrivão do 4.º officio me pêle coisa de uma libra para não sei quê de um inventario. Estou afflicto. E vem agora este diabinho incommodar-me ainda mais!

Mas n'isto, a garôta atira desembaraçadamente o chapeusito de palha para cima da terrina da sôpa, salta-me ao joelhos, dá-me pancalãs na barriga, e diz-me to la cheia de alegrias: *olé irmãozinho, deixa-te de tristezas. Queres tu duas peras?*

Eu então, engasgalo com o ultimo gole de vinho que se ia extravando por outro canal, pois o copo em cima da meza é viro-me a rir como um doilo. Valha-se c'd'abo, traquina da malicia! E's o liabo em pessoal. E ja não vejo a carta do Monjeiro que me pedã uma libra por conta, nem a cara lo juiz, cheia de uma grave austeridade judicial. Ergo-me da meza, rindo, e rindo, e salto pela escada abaixo, para o quintal com a enlãbia la rapariga ao côlo. Corremos por alli fóra, em cabello, na santa expansã das coisas boas, ao só, cantando, brincando. E depois, cançaloz jî de tanta creancice, pômos ponto na brincadeira. Deita-se a gente á sombra d'uma ramagem, de barriga ao ar; o suor a chair em pingos pelo pescoço e o diafragma esfaifa lo de tanto rir. E' então que tem logar o artigo le funlo. A pequena engatilha le repente no airoso e expansivo semblante um ar de seriedade pensativa. Já me parece uma mulher. Com põe as saias, limpa a agua da cara, sacole a poeira dos sapatinhos, e começa a contar-me, grave e sinceramente, a vida le um homem illustre de Barcellos, cujo retrato ella tem no bolso; põe em relevo as suas qualidades e os beneficios que os seus concidãos lhe devem; outras vezes divãza pelo campo da sociologia e da litteratura, falla-me em direitos e em deveres.

Parece já outra, uma mulher sisuã que sabe pensar em coisas profundas.

Ora ahí tens, meu amigo, como eu esqueço as minhas maguas. Mas nota que esta necessidade de a gente se divertir não é moderna. A humanidade precisou sempre de distrações, e são jî muito antigos os processos empregados por ella. Tu bem sabes que foi Christo o fundador do primeiro periolico jocoso da terra. O Homem-Deus, o pãe amantissimo que chorou no seu coração to las as miserias dos homens, concebeu a idia perfectamente altruista de amenisar as horas vagas dos seus loze discipulos com historias alegres e piadinhas engraça-

A LAGRIMA

das. Todos os oito dias, aos domingos, quando descançavam no sopé de algum monte, lá apparecia o entrega-ior, com uma folha de figueira em que iam riscar-las á ponta do esylete as noticias da cidade malrita, e as chalaças de Paulo, e as historinhas bregeiras de Pedro, e piadas ao serio Matheus etc. Era um jornalco aquillo. Chamava-se talvez «Lagrima» e pena é que nos não ficasse um só exemplar do divertido periodico. Foi n'elle que pela primeira vez sahiram a publico as peripecas da viagem de Christo em peregrinação pelo mundo com S. Pedro, a paucalaria que Pedro apanhou da velha quando pernoitou com Jesus no palleiro, as pirraças que o Salvador lhe pregava, etc...

Os discipulos, sentados no chão em redor do Mestre, liam a «Lagrima» em voz alta e era então um abalar de gargalhadas por aquellas margens do Jordão. Quando vinha alguma piada referente a algum d'elles, escripta pelo Mestre, começavam por piscar o olho uns aos outros dissimuladamente, maliciosamente, e acabavam por desandar a rir ás escancaras, quando o martyr que era alvo da chalaça se ruborizava enalando na ampla fronte apos.olica.

Quando isto era uma necessidade ha vinte seculos, hoje é mais que uma necessidade, é uma urgencia. Urge que a «Lagrima» appareça. Lembra-te de que és o responsavel por muita digestão mal feita, e por muitissimo mau humor que vae na gente do concelho depois que a endabra-la fo'gasã foi obrigada a recolher-se em tua casa sem poder trajarlar pela rua.

Teu amigo

Barca do Lago

José d'Oliveira.

O regedor e o ribeiro.

E' aquillo do lobo e o cordeiro.

O regedor de S. Martinho de Villa Frescainha emburrava solemnemente com as pobres lava-leiras da freguezia, por estas lhe represarem as aguas do ribeiro d'ali, em determinados pontos, com o fim de poderem lavar as roupas.

E que fazia elle?

Chegava a ponto de, durindana em punho, ou antes, sachola na mão, ir escangalhar essas *pôças*, justificando, muitas vezes, esses actos de selvageria, *no facto* das reprezas lhe não deixarem correr a agua, em seu dia, para a propriedade que tinha ribeiro acima de tal ou tal *pega*.

—«Mas como é, lobo, diziam as ovelhas, que te podemos fazer mal á rega da tua propriedade prendendo a agua ribeiro abaixo d'ella. As aguas vão para nunca mais voltar.»

—«Se vocês não me fazem mal, outro tanto não posso dizer d'outras que fazem o mesmo no ribeiro lá p'a riba.»

«Não pague o pae, pague o filho.»

E...zás... com a sachola desfazia tudo.

Nem a rapidez do raio o imitava na furia.

...Até os coelhos e as lebres, que são muito tímidas, desandavam, fugindo para outras freguezias distantes.

As perdizes batiam em debandada para paragens differentes.

Deixavam de cantar os pardaes.

Um burro que puchava a uma nora, distante, erguera a orelha pacata, e tivera um zurrido plangente em presença do furibundoloso Lomba montes.

*

O regedor no dia que lhe competia a agua do ribeiro, ia por esse acima, como se fosse uma mina sua, e aí do obstaculo que se antepozesse á corrente da agua.

Convertia as pedras em pó e os herbarios em cinzas.

*

Uma occasião—ainda foi ha pouco—o povo fez greve, como não podia desviar a corrente para rega, d'outra propriedade, em rego, pois que então pertencia á auctoridade de que se trata, munu-se de cantaros e por aquelle ribeiro acima era um nunca acabar de agua tirada para sobre as margens.

A tal ponto foi a vingança, que o regedor ficou sem rega no seu dia.

Veio á villa e queixou-se o regedor á auctoridade administrativa do abuso.

Essa fez a companhia-o por um official.

No momento em que o regedor chegou ao ponto da *revolta*, o povo de S. Martinho bebia *ruscante* em barria, petiscava sardinhas e recebia d'esta maneira, ao som de violas, o Antonio Aldão, (chama-se assim o regedor):

Ail Ail Ail...

Vai-te embora Antonio,

Vae-te embora Antonio,

Vae-te embora vae.

Não sabemos o que o sr. regedor fez em apuros taes. O pello hirsuto devia ter-se-lhe erguido a pino por todo o corpo. Os labios deviam tremer-lhe de rubra corera; e o nariz devia fossar no espaço escanlecido alguma sinistra ideia.

Por fim, meteu, Annibal defrotado, as mãos nos bolsos e virou de bórdo para casa, onde nos coasta que arrumára de um trago para o bucho com tres meias canadas do velho, á cautela. O remedio fez-lhe bem, o que muito estimámos, para secego das gentes.

Uma pega que não foi de cerne ha (antes pelo contrario):

Houve para ahí, n'uma freguezia d'este concelho, um *banzé* em que teve de intervir o proprio regedor.

A LAGRIMA

Quando o regedor se apresentou no barulho... vão ver a que pontos aquillo chegou!

A auctoridade foi desacatada por um dos cabeças do motim, mas desacatada de uma maneira que marca periodo nos annaes dos desacatamentos de todos os seculos.

O regedor deu parte ao sr. administrador do nefando caso, no termo seguinte:

— «... pois é verdade! E amarrando-me pelas costas, não sei o fim que tinha!... »

III E o regedor estava ainda pallido de susto.

O sr. administrador ficou pensativo.

Não advinhava, em verdade, o fim que o homem tinha.

Nós tambem não sabemos.

Na freguezia de Roziz d'este concelho, pastoreada pelo nosso illustre amigo e collega de redacção, o reverendo padre Paes, houve ha pouco tempo uma festa, d'essas festas suggestivas da primeira communhão, que nos prendem o espirito á ideia sempre sancta da sanctidade amavel que adornece embalsada no coração da innocencia, ao rythmo tranquillô e casto da ideia christã.

Todos sabem o que é uma primeira communhão, a ansiedade que vibra as cordas d'aquelles corações que vão entrar nos gremios da crenga e contrae em impetos d'amor os seios d'aquellas que amamentam e que se chamam mães. Mas o que nos cumpre frisar, a propósito da primeira communhão em Roziz, é o fanstô, o brillantismo, que lhe imprime o padre Paes, o caracter de elevação cultural que ella reveste ao contacto d'aquella vontade carinhosamente bã da incansavel sacerdotie.

Uma das causas que mais sollicita a nossa attenção na esplendida festa, e que ainda não esquecimos, foi a allocução feita por um dos meninos aos seus companheiros antes de subirem a ajelhar no degrau da mesa Eucharistica, reprodução oral de pensamentos escriptos pelo talentoso abbade.

Não resistimos ao desejo de copiar aqui a brillante oração.

Meninos e Meninas:

Sorri-nos hoje na alma o sol quente e alegre da fé e da crenga! Bendito seja o senhor Deus de nossos paes, que tambem a nós nos chama ao seu banqueto divino! banqueto que é servido pelas anjos, adorado pelos justos, louvado pelos santos e sanctificado pelo corpo e pelo sangue do Nosso Divino Jesus.

E como vimos nós preparados, meus queridas companheiros e companheiras, e como vimos nós preparados para nos aproximarmos d'aquella Divina Mesa?

E de galas o nosso vestuario: não os meninos, trajamos o distinctivo dos filhos do Santissimo Coração de Jesus, e as meninas, vestidas da cor da neve dos montes, parecem pombas brancas a roarem para o Ceu! Mas a nossa alma?!

Qual será a cor do vestido da nossa alma?! O!l permitta Deus, que a nossa alma venha tambem vestida da cor das estrellas!

Mãe já nos fomos lavar na fonte sacrosanta da penitencia: já pedimos perdão ao nosso querido pastor: já beijamos as mãos dos nossos venerandissimos paes e das nossas adoráveis mães, com pendor de submissão e respeito: já nos reconciamos nos seus braços em abraço fraternal o amigo; mas, como é possível que tenhamos offendido alguma pessoa que de nós esteja queixa, eu em meu nome, e de todos os meus companheiros e companheiras, a todos, em geral, peço perdão para nós todos, pelo Divino amor de Deus.

Historia de Portugal—A casa Antonio Maria Pereira vac-a editar: é de Pinheiro Chagas, com magnificas illustrações do grande artista Roque Gameiro—o que fará semanalmente, gastando os assignantes d'ella unicamente 60 reis por semana, tendo em troca um fasciculo de 15 paginas com 1 ou 5 gravuras.

A obra, constará de 6 volumes em 4.º grande.

A seriedade comprovadissima da casa editora; o saber do grande escriptor; a habilidade provada de Gameiro; a necessidade de todos conhecerem a historia do seu paiz e seu modesto preço são requisitos para a sua aquisição.

E' seu agente n'esta villa o sr. Manuel Faria, empregado na Conservatoria.

A Moda Illustrada—Sempre a mesina nos figurinos, nos moldes, na direcção proficiente da sua directora, uma parisiense artista. Uma belleza!

Custa 1:100 reis por trimestre na rua Aurora, 1.º 242, Lisboa.

A PHOTOGRAVURA

A que hoje publicamos é devida á photographia do distinctissimo medico, e nosso patricio, dr. Souza Christino.

Como os nossos leitores võem está um trabalho correcto, que põe o homem de sciencia, que sabe, emparelhado com o artista que é.

Reproduz a photographura a ponte que liga esta villa á risonha freguezia de Barcelinhos, que na sua maioria se vê.

Um cunhulo:

Foi visto na Apulia, a correr, o sr. commandador Guimarães:

* Foi n'aquella praia encontrado o Manuel Gallego, muido de visco e rianalhiseu, a pescar fanecas...

* Eis um novo reporter da «Lagrima», que, assim, nos communica um caso que elle muito bem sabe...

«Estando quatro indevidos a jugar a sueca, um dos proprios que estava a jugar tirou das mãos a um dos contrarios, o ás de triumpho sem elle prezenear o indevido, continhou a jugar athé resto e sen dar pela conta, eno résto precuron-o enão o achou começon Qué do meu ás... Qué do meu ás... e a precuralo por devaixo da mesa e a dar uma cavaqueira medonha e todo atrapalhado... Eu tinha aqui o ás de triumpho na mão, e não o vejo roubaranno por força que eu tinha-o a qui e quando elle o vê cair na me-zadiz elle arre tiraranno da minha mão.

Torres é Torres estando num estello é uma Torres não sen lo Torre e a Galeia.

pele-se para o bozar á Lagrima que sai mais proxima e comprar da melhor forma

Um assignante»

Estão a chegar á typographia Barcelense novos typos para cartões de visita.